

# PRÁTICAS FUNERÁRIAS DA IDADE DO BRONZE DE TRÁS-OS-MONTES E DA GALIZA ORIENTAL

## *BRONZE AGE FUNERARY PRACTICES OF TRÁS-OS-MONTES AND EASTERN GALICIA*

Ana M. S. Bettencourt

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO, CENTRO DE  
INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR: CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA  
(CITCEM); ANABETT@UAUM.UMINHO.PT

**Resumo:** Com esta comunicação pretendemos, em primeiro lugar, efectuar uma síntese sobre os conhecimentos existentes relativos às práticas funerárias da Idade do Bronze da orla mais oriental do Noroeste peninsular. Em segundo, e a partir das materialidades conhecidas, ensaiar algumas interpretações sobre o papel social dos mortos, das oferendas e do funeral, nos diferentes contextos cronológico-culturais e espaciais, discutindo, sempre que possível, algumas premissas vulgarmente aceites. Em terceiro e último lugar preconizar o tipo de abordagem que consideramos mais premente no contexto actual da investigação sobre a morte.

Concluimos que alguns mortos continuam agentes socialmente activos quer em termos religiosos quer como referentes de memória e de identidade grupal, principalmente durante o Bronze Inicial. A partir do Bronze Médio os cenários de promoção e negociação da identidade parecem deslocar-se para a esfera dos vivos.

**Palavras-chave:** Noroeste Peninsular, Idade do Bronze, Práticas Funerárias, Importância do funeral e do papel social dos mortos.

**Abstract:** In this paper we aim to, first, produce a synthesis of the existing body of knowledge concerning Bronze Age funerary practices in the easternmost edge of the northwest Iberia. Second, to propose, according to the materiality known, some interpretations on the social role of the dead, the offerings and the funeral, in different cultural contexts, discussing, whenever possible, some commonly accepted assumptions. Thirdly and lastly we will express some considerations that we consider most significant in the context of the current investigation on death in Prehistory.

We conclude that some deaths are still socially active agents or in religious terms or as related to memory and group identity, especially during the Early Bronze Age. From the Middle Bronze scenarios promotion and negotiation of identity seem to move to the realm of the living.

**Keywords:** North-west Iberia; Bronze Age; Funerary Practices; Importance of the funeral and the social meaning of the corpse.

## 1. Introdução

Este texto está dividido em três partes que obedecem a objectivos distintos. Em primeiro lugar, efectuaremos uma exposição sobre a base empírica existente para o estudo das práticas funerárias, durante a Idade do Bronze da orla mais oriental do Noroeste peninsular (Fig. 1). Em segundo, e a partir das materialidades conhecidas ensaiaremos algumas interpretações sobre o papel social dos mortos, das oferendas e do funeral, nos diferentes contextos cronológico-culturais e espaciais, discutindo, sempre que possível, algumas premissas vulgarmente aceites. Em terceiro e último lugar preconizaremos o tipo de abordagem que consideramos mais premente, no contexto actual da investigação sobre a morte.



**Figura 1.** Mapa com a localização genérica da área de trabalho.

## 2. A base empírica

Em relação à base empírica podemos dizer que, apesar de não muito abundante, ela é já algo significativa e diversificada, principalmente para contextos do Bronze Inicial (entre o último quartel do III milénio AC até cerca do séc. XVIII/XVII AC) e o Médio (entre séc. XVIII/XVII AC até finais do II milénio AC) sendo, ainda, muito escassa para o Bronze Final<sup>1</sup>.

Para o Bronze Inicial conhecem-se *reutilizações de monumentos megalíticos*, como se pode comprovar pelas datas do dólmen de *Madorras 1*, em Sabrosa, reocupado entre os finais do século XX e os inícios do XVII AC (Cruz & Gonçalves 1994, 1995), prática que persiste no Bronze Médio, como se verifica na *Madorra da Granxa*, Lugo, reutilizado entre os séculos XVII e o XV AC (Chao Alvarez & Álvarez Merayo 2000). A qualquer um destes dois períodos genéricos poderão pertencer o púcaro de colo alto e o vaso troncocónico depositados nos dólmenes de *Carvalhas Alvas*, em Vila Pouca de Aguiar (Leisner 1958) e da *Estante*, em Alijó (Jorge 1982), respectivamente, assim como os fragmentos de troncocónicos recolhidos na *Mamoia de Outeiro de Cavaladreja 1*, Muíños, Ourense (Eguileta Franco 1999). Existem, no entanto, outros mo-

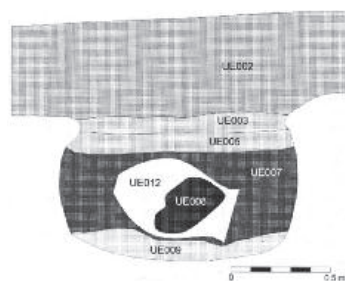
numentos megalíticos frequentados durante a Idade do Bronze, cuja cronologia mais precisa se desconhece. Referimo-nos, por exemplo, à *Mamoá de Santo Ambrósio*, Macedo de Cavaleiros (Carvalho 2005) com fragmentos cerâmicos que parecem inscrever-se nos “mundos estilísticos” Cogeces/Cogotas I e à *Mamoá de Gendive*, Boborás, Ourense onde foi depositado um vaso de largo bordo horizontal (Bouza-Brey 1936) que tanto se poderá enquadrar no Bronze Médio como no Bronze Final.

Ao Bronze Inicial corresponderão, também, algumas *sepulturas em fossas abertas no saibro* como se testemunha pela existência de, pelo menos, um enterramento em fossa, datada de entre os inícios do séc. XIX aos meados do XVII AC (Fábregas Valcarce 2001, Prieto Martínez *et alii* 2009b), no sítio de *A Fraga do Zorro*, em Ourense, onde se descobriram, além destas estruturas, valados e buracos de poste. Aqui, algumas fossas estavam seladas por acumulações de pedras onde se inseriam, por vezes, moinhos manuais.

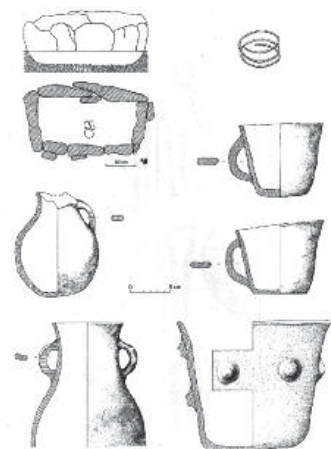
Talvez a funções sepulcrais se possa atribuir, também, a fossa encontrada na base de *Cameixa*, Ourense, datada da 1ª metade do séc. XXI AC, onde se depositou um vaso, interpretado como urna funerária (Fig. 2), algumas pedras e um moinho movente (Parcero Oubiña 1997, Criado Boado *et alii* 2000, Prieto Martínez *et alii* 2009a).

As *cistas* são outro tipo de sepulturas frequentes neste período. Se bem que abarcando toda a Idade do Bronze, apareceram na área em análise algumas manifestação que poderão atribuir-se ao Bronze Inicial e ao Bronze Médio.

Ao Bronze Inicial parece ser possível inserir a necrópole de *Lagares*, em Valbenfeito, na depressão de Macedo de Cavaleiros. Aqui, teriam aparecido várias sepulturas e não apenas uma cista, como frequentemente se afirma, formadas por lajes de xisto, da qual se conhece a descrição de uma, com 1,80m de comprimento, por 1m de largura e 1m de profundidade. No interior desta foi detectada uma espiral de ouro e fragmentos cerâmicos de forma desconhecida que desapareceram (Alves 1975, Cruz 2000). A mesma cronologia parece



**Figura 2.** Desenho do perfil da fossa de Cameixa (Parcero Oubiña 1997).



**Figura 3.** Desenho de uma das cistas de Chedeiro e oferendas de diversas sepulturas (Suarez Otero 2002).

poder atribuir-se à necrópole de *Chedeiro*, A Pedrosa, Cualedro, Ourense, onde uma das sepulturas continha uma espiral de prata. Nas imediações apareceram outras três cistas contendo, uma delas, três vasos troncocónicos e outra, dois púcaros de colo alto e um troncocónico (Fig. 3) (Taboada Chivite 1971, Delibes de Castro & Rodríguez Colmenero 1976, Vazquez Varela 1980).

Talvez nesta cronologia se possa inserir a possível necrópole da *Praia da Rola*, Mugueimes, concelho de Muiños, Ourense, no baixo Lima galego, encontrada casualmente, na margem da barragem das Conchas, em 16 de Setembro de 1996 e escavada de emergência em 18 de Setembro do mesmo ano. Aí foi detectada uma pequena cista

rectangular com 0,71 a 0,75cm de comprimento, por 0,43cm de largura e por c. de 0,30cm de profundidade, orientada de NNW para SSE. Esta foi construída com pequenas lajes de granito: cinco formando a caixa, duas o chão e três a cobertura, faltando uma no momento da intervenção arqueológica, devido a perturbações recentes. No canto nordeste desta estrutura jaziam restos de ossos humanos<sup>2</sup>, calcinados previamente à sua deposição neste local, visto não se terem encontrado terras com carvões no interior da cista. No canto sudeste, depositado directamente sobre uma das lajes da base, encontrava-se um púcaro de colo alto<sup>3</sup> (Fig. 4), similar aos detectados em Chedeiro<sup>4</sup>. Na zona, parecem ter existido mais quatro cistas a nordeste da identificada, tendo em conta agrupamentos de calhaus e de blocos de xisto e ao facto de aflorarem, à superfície, lajes prismáticas de granito “*a xeito de esteios das cistas*”<sup>5</sup>.

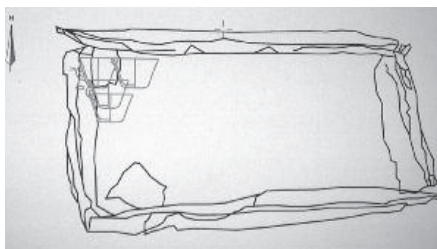
É provável que a cista de *O Cubillón*, Xermade, Lugo, que continha restos de ossadas de um



**Figura 5.** Púcaro de colo alto detectado no interior da cista da Praia da Rola (<http://www.xunta.es/conselle/cultura/patrimonio/museos/mapour/galego/pezasmes/pm24.htm>).

adulto e um potinho ou vaso de tipo Taraio (Ramil Soneira & Vazquez Varela 1979, Vazquez Varela 1980) forma que, por vezes, se encontra associada a artefactos metálicos do Bronze Inicial, se possa incluir, igualmente, nesta cronologia.

Ao Bronze Médio poderá atribuir-se a cista de *A Forxa*, Riós, Ourense, datada de entre os meados do séc. XVIII aos inícios do XVI AC, de tendência quadrangular e onde apareceram quatro vasos troncocónicos (Fig. 5) (Méndez Fernández 1995 in Fábregas Valcarce & Vilaseco Vázquez 1998, Prieto Martínez *et alii* 2009a).



**Figura 5.** Desenho da cista de A Forxa com a localização das oferendas cerâmicas (Prieto Martínez *et alii* 2008a).

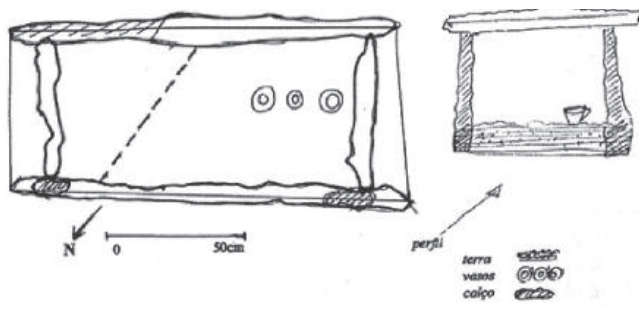
Tendo em conta este conjunto de paralelos é possível que a necrópole de cistas das *Cabriadas/Gorgolão*, Vila da Ponte, Montalegre (Fig. 6) contendo, como oferendas, apenas vasos troncocónicos e um subcilíndrico (Sanches 1980, Silva 1994, Baptista 1999) e a cista da *Lomba (Fontela de Godim)*, onde igualmente se depositou um vaso troncocónico, também em Vila da Ponte, Montalegre (Sanches 1980, Silva 1994, Baptista 1999) se devam inscrever entre o Bronze Inicial e o Médio, cronologia que está de acordo com as balizas cronológicas defendidas por nós para os vasos troncocónicos do Norte de Portugal, ou seja, entre finais do III e o 2º quartel do II milénios AC, com base em contextos datados pelo radiocarbono (Bettencourt 1999).

Talvez a cista de *Biobra*, O Barco de Valdeorras, Ourense (Caamaño Gesto 2007: 83), se possa incluir nesta cronologia genérica, dada as semelhanças arquitectónicas com outras destes períodos.

Outros tipos de estruturas funerárias existentes durante a Idade do Bronze são as *sepulturas planas*, de forma sub-rectangular ou oval, abertas no substrato e cobertas com saibro ou pedra.

Os melhores exemplos deste tipo de construção, para a fachada mais oriental do Noroeste, registaram-se na necrópole do *Coto da Laborada*, Calvos de Randín, Ourense, definida por dois grupos de sepulturas. No primeiro, encontraram-se quatro sepulturas, de contorno oval, sem cobertura aparente, com dimensões que variavam entre 2m e 1,5m de comprimento, por 1,5m a 1m de



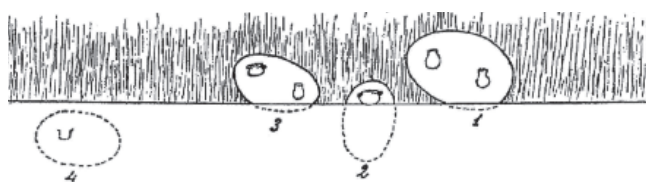


**Figura 6.** Reconstituição da primeira cista encontrada no Gorgolão (Baptista 1999).

forma desconhecemos (Lopez Cuevillas 1930, 1947; Lopez Cuevillas & Lorenzo Fernández, 1930). Tendo em conta o acervo cerâmico, é possível que esta necrópole se possa inserir no Bronze Médio, dada as referencias cronológicas que possuímos para os potinhos de colo alto (Bronze Inicial)<sup>6</sup> e para os vasos de largo bordo horizontal no Norte de Portugal (Bronze Médio e Bronze Final) (Bettencourt 1997 e no prelo).

Igualmente na Galiza cabe destacar a necrópole de sepulturas planas de *Monte de Mesiego*, O Carballiño, Ourense, onde foram detectados dois grupos de três sepulturas, tapadas com pedras, algumas delas com oferendas cerâmicas. Numa delas, jazia um pequeno machado votivo, um objecto de barro perfurado e um vaso (taça?) de perfil carenado e de fundo plano (Lopez Cuevillas & Lamas 1958). Pelas características da jazida pensamos estar face a uma necrópole organizada por núcleos, talvez do Bronze Médio ou Final, dado os paralelos conhecidos para as taças carenadas no Norte de Portugal (Bettencourt 1999).

As *grutas* e os *abrigos* também foram ocupadas como lugares de enterramento e de depósitos durante a Idade do Bronze do Noroeste oriental. No território português destacamos a *Lorga de Dine*, Vinhais, Bragança,



*ESTRADA DE BANDE À FRONTEIRA*

**Figura 7.** Desenho do primeiro grupo de sepulturas planas do Coto da Laborada (Lopez Cuevillas & Lorenzo Fernández, 1930).

sobranceira ao rio Tuela, onde parecem existir indícios de tumulações (Harpsoe & Ramos 1985) desde, pelo menos, o Calcolítico regional, até à Idade do Bronze. As ocupações deste período evidenciam-se pela presença de um vaso troncocónico e de vasos carenados.

Salientamos, ainda, a série de grutas existentes nas vertentes do Monte Ferreiros, Miranda do Douro, Bragança, sobranceiras a cursos de água, afluentes do rio Angueira, que terão servido como lugares sepulcrais, como a *Gruta de Ferreiros* e a *Gruta Grande* (Delgado 1887, Sanches 1992). No Monte Geraldes, nas proximidades do anterior, cabe destacar a *Gruta do Geraldo*, onde teriam aparecido ossadas humanas, um machado plano e um punhal triangular, em cobre, entre outro material cerâmica e ósseo. Ainda no contexto do vale do Angueira há a destacar as *Fendas do Monte Pedriço* onde apareceram ossadas de 2 esqueletos humanos incompletos, em associação com fragmentos de mós. É de salientar que não se conhecem povoados coetâneos, nas imediações destas grutas (Delgado 1887, Sanches 1992).

Também no *Fragão da Pitorca*, Chaves (Armbruster & Parreira 1993), associado a um eventual povoado, segundo apurámos recentemente (Fig. 9 e 10), foram realizados enterramentos, provavelmente, desde o Calcolítico até ao Bronze Inicial. Aqui, a par de ossadas humanas, apareceram cerâmicas lisas e decoradas, assim como uma espiral em ouro e um machado plano, ainda com rebarbas de fundição (Fig. 11a e 11b).

Já do *Bronze Final* será o provável enterramento do *Abrigo 2 da Fraga dos Corvos*, Macedo de Cavaleiros, onde foi descoberto um pendente decorado e um pequeno bracelete, em bronze, assim como uma fíbula de dupla mola, uma espátula e um fragmento de um cinturão, que pertenceriam ao mesmo contexto (Senna-Martinez *et alii* 2006; Senna-Martinez *et alii* 2007; Senna-Martinez informação oral<sup>7</sup>), um conjunto de ornamentos corporais e de espólio associado ao tratamento do corpo com paralelos nos enterramentos da Roça do Casal do



**Figura 8.** Potinho de colo muito fechado, vaso de largo bordo, potinho de colo alto e púcaro do 1º grupo de sepulturas do Coto de Laborada (Fot. do Museu Arqueológico Provincial de Ourense ).

Meio, em Sesimbra, datados do Bronze Final (Spindler *et alii* 1973 – 1974).

### 3. As Interpretações

A esta escala de análise podemos afirmar *que existem materialidades associadas à morte para todos os períodos da Idade do Bronze*, à semelhança do que ocorre na fachada mais litoral de todo o Noroeste Peninsular (Bettencourt, no prelo). Do mesmo modo podemos concluir que *há diversidade de contextos funerários, de soluções arquitectónicas, de ritos e de acções de âmbito mortuário, pelo menos durante o Bronze Inicial e Médio*.

Atestam-se, igualmente, desde os primórdios da Idade do Bronze as práticas *da cremação a da inumação*. A *inumação* comprova-se nalgumas Grutas dos Montes de Ferreiro e Geraldês e é deduzível através das dimensões de algumas cistas (entre 1,80 a 1m), como em Lagares, Chedeiro, A Forxa, Biobra, Gorgolão e através



**Figura 9.** Localização do Fragão da Pitorca, no vale do Tâmega.



**Figura 10.** Interior do Fragão da Pitorca.

das dimensões das sepulturas planas, com as do Coto da Laborada (entre 2 a 1,5m).

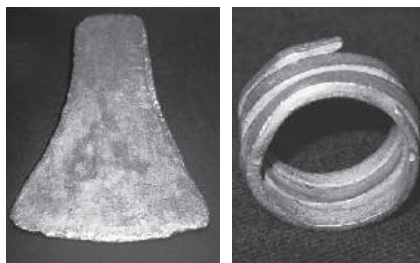
A prática da *cremação* está documentada na Galiza desde o Calcolítico Final, conforme data de radiocarbono efectuada recentemente para o enterramento da cista pequena de Agro de Nogueira, na Corunha (Bettencourt & Meijide Camessele 2009). No Bronze Inicial ocorre numa das fossas da Fraga do Zorro (indiciada pelas dimensões das ossadas e pela



característica dos sedimentos) (Prieto Martínez *et alii* 2009b) e, provavelmente, na fossa de Cameixa e na cista da Praia da Rola<sup>8</sup>

À semelhança da orla ocidental do Noroeste também aqui se denota *que apenas no Bronze Inicial*, por comparação com o Bronze Médio, foram sepultados *poucos indivíduos com oferendas de grande valor mágico-simbólico*, como cremos que sejam os objectos metálicos, em ouro ou em cobre.

Com exemplo destes casos excepcionais citaremos um inumado na necrópole de Lagares, outro na de Chedeiro, outro no Fragão da Pitorca e outro, ainda, na Gruta do Geraldo. Ora, colocando a tónica nos vivos, ou seja, nos agentes do funeral é provável que os enterramentos com oferendas excepcionais, correspondam a acções interligadas a um sistema religioso e social que, através da mitificação de determinados indivíduos, mantêm activo o seu espírito após a morte, fomentando-se assim a criação de um *novo ancestral cujo papel poderá ter sido o da legitimação da ocupação dos novos territórios ou da reocupação de outros*, durante o Bronze Inicial (Bettencourt 2008: 102). Dito de outro modo, *alguns corpos teriam servido como materialidades ao serviço das novas ordens ideológicas e sociais, quer como legitimadores de ocupação de territórios ou como elementos de controlo do passado incorporando-o quer, como elementos em redor dos quais se criariam e afirmariam novos laços de identidade grupal e se fomentariam novas ideologias e relações de poder*. Tal hipótese afasta-se da explicação processual que identifica estes enterramentos excepcionais como pertencentes a elites e chefes em vida, senhores de uma sociedade já muito hierarquizada, características que as restantes materialidades arqueológicas não confirmam. Nesta lógica processual, durante o Bronze Médio, seria normal encontrarmos indícios de enterramentos igualmente expressivos de hierarquia social. Tal não se verifica. Pelo contrário, o *Bronze Médio* corresponde a um período em que este tipo de oferendas desaparece quase abruptamente, quer na fachada oriental do Noroeste, quer ainda na restante região. *As oferendas, inexistentes ou muito padronizadas e discre-*



**Figura 11a e 11b..** Espiral em ouro e machado plano encontrados no Fragão da Pitorca. (Fot. de Beatriz Comendador Rey).

tas, compostas por vasos cerâmicos, parecem revelar, pelo menos no plano simbólico, pouca distinção social entre os indivíduos. *É possível admitir que estaríamos perante uma situação em que, legitimada a posse dos territórios e dos símbolos do passado, no Bronze Inicial, durante o Bronze Médio a morte teria sido gradualmente integrada no ciclo da vida diária, perdendo o cadáver a sua importância como referente da memória social* (Bradley 2000; Bettencourt 2008), pelo que as materialidades e os cenários associados à identidade grupal terão que procurar-se no mundo dos vivos.

Outra questão significativa é a do *papel social a atribuir a locais de longa duração, ocupados desde o Calcolítico até à Idade do Bronze, onde se parecem praticar escassas práticas mortuárias, aparentemente distantes de povoados, e que dificilmente se poderão interpretar como simples necrópoles* como, por exemplo, as grutas do Monte Ferreiros e as do Monte de Geraldês, ambos no vale do rio Angueira, Miranda do Douro. Tendo em conta as suas particularidades geomorfológicas e cársticas talvez estes lugares naturais se devam interpretar como cenários de excepção e de grande carga mítica para as comunidades calcolíticas e da Idade do Bronze que viveriam nas suas imediações e que apenas excepcionalmente frequentariam estes locais, dado a pouca quantidade de corpos encontrados nas várias cavidades. Tal parece indiciar restrições mágico-simbólicas de acesso ao local, por parte dos agentes sociais que o controlaram, o que estaria de acordo com a hipótese do carácter religioso deste lugar. Na mesma ordem de ideias os corpos poderão interpretar-se não como simples enterramentos mas como deposições realizadas no âmbito de ritos mais complexos cujo significado talvez fosse o de oferendas a estes espaços naturais de ampla significação simbólica.

Por último, gostaria de chamar a atenção para o facto de que as interpretações efectuadas apenas se poderão considerar fragmentos de uma construção complexa e multifacetada que urge continuar a questionar através de novos projectos de investigação que privilegiem uma perspectiva holística, pois o discurso da morte não representa o reflexo da totalidade da sociedade, mas é apenas um deles a relacionar com o estudo de outros discursos. Deste modo importa a sua inter-relação com os sítios residenciais, com os locais de depósitos metálicos, com os lugares de arte rupestre e

com os contextos ou espaços naturais (tendo em conta factores como a geomorfologia, a hidrologia, a geologia, os ciclos lunares e solares, etc.).

Para tal será necessário mudarmos, igualmente, a escala de análise e apostarmos em estudos particulares que possibilitem leituras sobre as contingências regionais.

### Bibliografia

- ARMBRUSTER, B. R. & R. Parreira (1993). *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: Coleção de Ourivesaria. Do Calcolítico à Idade do Bronze*, Lisboa, Ed. IPM.
- ALVES, F. M. (1975). *Memórias*, vol. 9, Bragança, Ed. Museu o Abade de Baçal.
- BAPTISTA, J. D. (1999). As cistas de Vila da Ponte, *Aquae Flaviae*, 21, pp. 333-352.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1997). Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste peninsular. *Actas do IIº Congreso de Arqueología Peninsular*, Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora, pp. 621 - 632.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1999). *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, na área de Pré-História e História Antiga – policopiada).
- BETTENCOURT, A. M. S. (2008). Life and death in the Bronze Age of the NW Iberian Peninsula, in Fredrik Fahlander & Terje Oestigaard (eds.) *The materiality of death – bodies, burials and beliefs*, BAR International Series, Ed. Archeopress, pp. 99-104.
- BETTENCOURT, A. M. S. (no prelo). Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular, in Javier Sanchez Palencia, Anthony Gilman & Primitiva Bueno (eds.) *Livro de Homenaje a Maria Dolores Fernández-Posse y de Arnáiz, Bibliotheca Praehistorica Hispana (BPH)*, Ed. CSIC, Madrid.
- BETTENCOURT, A. M. S. & G. Meijide Camessele (2009). Agro de Nogueira, Melide, A Coruña: novos dados e novas problemáticas, *Galaecia*, nº 28, Santiago de Compostela, pp. 33-40.
- BOUSA-BREY, F. (1936). Vaso tumular de Gendive, *Boletín de la Academia Gallega*, nº 31 (261), pp. 236 – 241.
- BRADLEY, R. (2000). *An archaeology of natural places*, Londres/Nova Iorque, Ed. Routledge.
- CAAMAÑO GESTO, J. M. (2007). O Calcolítico e a Idade do Bronze, in X. R. Barreiro Fernández & R. Villares Paz (coord.) *A Gran Historia de Galicia. Prehistoria de Galicia I*, vol. 2, A Coruña, La Voz de Galicia, pp. 8 – 223.
- CARVALHO, H. A. A. S. (2005). Mamoa de Santo Ambrósia, Vale da Porca, Macedo de Cavaleiros, Bragança: Resultados Preliminares, *Cadernos “Terras Quentes”*, 2, pp. 51 – 60.
- CHÃO ÁLVAREZ, F. J. & I. A. Álvarez Merayo (2000). A Madorra da Granxa: o túmulo máis grande de Galicia? *Brigantium*, vol.12, pp. 41-63.
- COMENDADOR REY, B. (1999). *Los Inicios de la Metalurgia en el Noroeste de la Península Ibérica*, Brigantium, 11, A Coruña.
- CRiado BOADO, F., X. Amado Reino, M. C. Martínez López, I. Cobas Fernández & C. Parcer Oubiña (2000). Programa de Corrección del Impacto Arqueológico de la Gasificación de Galicia. Un ejemplo de gestión integral del patrimonio arqueológico, *Complutum*, 11, pp. 63 – 85.
- CRUZ, C. S. (2000). *Paisagem e Povoamento na Longa Duração: O Nordeste Transmontano – Terra Quente*, Braga, 3 vols (Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho –Policopiada).
- CRUZ, D. J. & H. B. Gonçalves (1994). Resultados dos trabalhos de escavação da Mamoa 1 de Madorras (Sabrosa, Vila Real). *Estudos Pré-históricos*, 2, pp. 171 – 232.
- CRUZ, D. J. & H. B. Gonçalves (1995). Mamoa 1 de Madorras (Sabrosa, Vila Real). Datações radiocarbó-

nicas. *Estudos Pré-Históricos*, 3, pp. 151 – 159.

DELGADO, J. F. N. (1887). Jazigos de mármore e de alabastro de Santo Adrião e das grutas compreendidas nos mesmos jazigos, *Comissão dos Trabalhos dos Serviços Geológicos de Portugal*, 2 (1), Lisboa.

DELIBES DE CASTRO, G. & A. Rodríguez Colmenero (1976). Una nueva necrópolis de cistas en el noroeste peninsular, *Letras de Deusto*, 6, pp. 181 – 186.

EGUILETA FRANCO, J. M. (1999). *A baixa Limia galega na Prehistoria Recente. Arqueoloxía dunha paisaxe na Galicia interior*, Ed. Deputación Provincial de Ourense, Ourense.

FÁBREGAS VALCARCE, R. (2001). *Los petroglifos y su contexto: un ejemplo de la Galicia meridional*. Ed. Instituto de Estudos Vigueses. Vigo.

FÁBREGAS VALCARCE, R. & X. I. Vilaseco Vázquez (1998). Práticas funerárias no Bronze do Noroeste, in R. Fábregas Valcarce (ed.), *A Idade do Bronze en Galicia: novas perspectivas*. Ed. Cadernos do Seminário de Sargadelos 77. Coruña. pp. 191 - 219.

HARPSOE, C. H. & M. F. Ramos (1985). “Lorga de Dine” (Vinhais, Bragança), *Arqueologia*, 12, pp. 202 – 204.

JORGE, V. O. (1982). *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto – os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, 2 vols (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto – policopiada).

LEISNER, V. (1958). Notas sobre um vaso transmontano, *Arqueologia e História*, 8ª série, 3, pp. 145 – 153.

LOPEZ CUEVILLAS, F. (1930). Novas cerâmicas das antas galegas, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, nº 4, pp. 263 – 282.

LOPEZ CUEVILLAS, F. (1947). Los vasos semiovoides y la cronología de los vasos de ancho borde horizontal, *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y artísticos de Orense*, 16 (1), pp. 1 – 12.

LOPEZ CUEVILLAS, F. & X. Lorenzo Fernández (1930). *Vila de Calvos de Randin. Notas Etnográficas e Folklóricas*, Ed. Seminário de Estudos Galegos, Santiago de Compostela.

LOPEZ CUEVILLAS, F. & M. Chamoso Lamas (1958). Una necropolis de sepulturas planas. *Cuadernos de Estudios Gallegos*. 13 (39), pp. 273-283.

MEIJIDE CAMESELLE, G. (1995). La necrópole del bronce inicial del Agro de Nogueira (Toques, A Coruña). *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología. Vigo 2003*, Vigo, vol. 2, pp. 85-88.

MEIJIDE CAMESELLE, G. (1996). La necrópolis del Bronce inicial del Agro de Nogueira (Piñeiro, Toques, A coruña) en el contexto funerário de su época, *Homenaje a C. Alonso del Real*, Universidade de Santiago de Compostela, vol. 1, pp. 215 – 239.

PARCERO OUBIÑA, C. (1997). *Documentación de un entorno castreño: trabajos arqueológicos en el área de Cameixa*, Trabajos en Arqueología del Paisaje - 1, Santiago de Compostela.

PRIETO MARTÍNEZ, M. P., O. Lantes Suárez & A. Martínez Cortizas (2009a). Dos enterramientos de la Edad del Bronce en la Provincia de Ourense (neste volume).

PRIETO MARTÍNEZ, M. P., O. Lantes Suárez, A. Martínez Cortizas & María Dolores Gil Agra (2009b). Estudio de la cerámica del yacimiento de fosas de Fraga do Zorro (neste volume).

RAMIL SONEIRA, J. & J. M. Vazquez Varela (1979). Enterramiento en cista de la edad del Bronce de “O Cubillon”, Xermade (Lugo), *El Museu de Pontevedra*, 33, pp. 61 – 68.

SANCHES, M. J. (1980). Alguns vasos cerâmicos do Museu de Antropologia do Porto, *Arqueologia*, 1, Porto, pp. 12-18.

SANCHES, M. J. (1992). *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, Porto, Ed. GEAP.

SENNA-MARTINEZ, J. C., José M. Q. Ventura, Hélder A. Carvalho & Elin Figueiredo (2006). A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): um sítio de habitat da primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes oriental. A Campanha 3 [2005], *Cadernos Terras Quentes*, 3, pp. 61 – 85.

SENNA-MARTINEZ, J. C., José M. Q. Ventura & Hélder A. Carvalho (2007). A Fraga dos Corvos (Macedo

de Cavaleiros): um sítio de habitat da primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes oriental. A Campanha 4 [2006], *Cadernos Terras Quentes*, 4, pp. 85 – 110.

SILVA, M. A. (1994). A cista do Gorgolão (Vila da Ponte - Montalegre), *Portugália*, nov. série., 15, pp. 137 - 146.

SPINDLER, A. , A. C. Branco, G. Zbyszewski & O. V. Ferreira (1973-1974). Le monument à coupole de l'âge du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 57, pp. 91 – 154.

SUÁREZ OTERO, J. (2002). Die Bronzezeit in Galicien, *Madrider Mitteilungen*, 43, pp. 1 – 21.

TABOADA CHIVITE, J. (1971). Notícias arqueológicas de la región del Tâmega (Verín), *Cuadernos de Estudios Galegos*, tomo 26, nº 78, pp. 45 - 63.

VAZQUEZ VARELA, J. M. (1980). Enterramientos en cista de la Edad del Bronce en Galicia. *Pontevedra*. 0, pp. 23 – 40.

<sup>1</sup> Os critérios que subjazem a esta cronologia genérica e naturalmente redutora, para todo o Noroeste, poderão consultar-se em A.M. S. Bettencourt (no prelo).

<sup>2</sup> Os restos que observámos eram muito pequenos ou pequenos. Alguns deles, um pouco maiores e com indícios de fumigação na face interna, parecem pertencer a ossos mais longos. Existiam, também, restos de crânio, na zona da sutura, dando a impressão de que se tratava de um esqueleto jovem. No entanto, só uma análise antropológica poderá contribuir para uma melhor compreensão destes dados.

<sup>3</sup> Tratava-se de um recipiente manual, de pasta arenosa, de cor acastanhada no interior e exterior, mas com manchas, provavelmente devido à cozedura redutora. Esta parece ter sido deficiente dado o cerne conter uma tonalidade distinta. A superfície exterior foi apenas alisada com excepção do início do bordo e do colo interior que foi polido. Morfologicamente trata-se de um púcaro de colo alto, com bordo esvasado e lábio arredondado e asa de fita de secção sub-rectangular e de preensão vertical. Tem 18,6cm de altura, 8cm de diâmetro de boca e 5cm de diâmetro de base. Da observação que efectuámos não se notam manchas escuras ou de fuligem, no interior ou exterior do vaso.

<sup>4</sup> A estrutura arquitectónica, os restos de ossadas, o recipiente de cerâmica assim como amostras de sedimentos encontram-se em depósito no *Museu Arqueológico Provincial de Ourense*. Agradecemos a Francisco Fariña Busto, director desta instituição, a possibilidade de estudar, com mais pormenor, estas materialidades. Sobre o assunto ver o site: <http://www.xunta.es/conselle/cultura/patrimonio/museos/mapour/galego/pezasmes/pm24.htm>

<sup>5</sup> Segundo relatório manuscrito da intervenção arqueológica de Francisco Fariña Busto, datado de 21 de Setembro de 1996.

<sup>6</sup> Não excluímos, no entanto, a possibilidade desta forma perdurar até ao Bronze Médio, como poderia ser o caso desta necrópole. Para tal, necessitamos de aumentar o número de contextos datados, como seria o caso da cista da Praia da Rola.

<sup>7</sup> Segundo informação do primeiro subscritor destes artigos, o que foi identificado como um provável dente humano em J. C. Senna-Martinez *et alii* (2006) não foi comprovado por análise antropológica.

<sup>8</sup> ([www.xunta.es/conselle/cultura/patrimonio/museos/mapour/galego/pezasmes/pm24.htm](http://www.xunta.es/conselle/cultura/patrimonio/museos/mapour/galego/pezasmes/pm24.htm)).

<sup>9</sup> De notar, igualmente, que a reocupação ou apropriação simbólica de alguns lugares do passado efectua-se, durante o Bronze Inicial, não apenas, em termos dos monumentos megalíticos neolíticos, mas em termos de alguns santuários de arte rupestre onde se gravam, agora, artefactos metálicos, como as alabardas e os punhais (Bettencourt 2008).